

A CONCEPÇÃO DE *NÓ FROUXO* DE HELEIETH SAFFIOTI: O NOVELO PATRIARCADO-RACISMO-CAPITALISMO

Palavras-Chave: PATRIARCADO; RACISMO; CAPITALISMO

Autores(as):

MASSILÂNIA B. DE OLIVEIRA, IFCH – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. YARA FRATESCHI (Orientadora), IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Heleieth Saffioti (1934-2010) é uma das pensadoras brasileiras mais relevantes do século XX. Ela é conhecida nacional e internacionalmente por suas contribuições no âmbito da teoria feminista, sobretudo no que se refere ao patriarcado. Contudo, reduzir sua produção teórica às análises do patriarcado é incorrer em um enorme erro que traz prejuízos tanto para a compreensão da obra de Saffioti em sua totalidade quanto para as contribuições da autora no que diz respeito à inter-relação entre as diferentes formas de exploração-dominação.¹ Nesse sentido, destaca-se o conceito de *nó frouxo* elaborado por Saffioti para explicar a fusão que, de acordo com ela, ocorreu historicamente entre o capitalismo, o racismo e o patriarcado.

Após realizar inúmeras pesquisas empíricas e teóricas, Saffioti afirma que a realidade social no Brasil é injusta, iníqua e hipócrita. Isso porque nossa sociedade está permeada por uma série de “fenômenos cruéis”, como, por exemplo, a discriminação contra a mulher e contra o negro.² O que estrutura tal realidade, segundo Saffioti, são três sistemas de dominação-exploração, a saber, o patriarcado, o racismo e o capitalismo. O patriarcado é um “sistema de relações sociais que garantem a subordinação da mulher ao homem”, baseado não apenas na ideologia, mas também na violência.³ O capitalismo é um “sistema de produção baseado na exploração da mão de obra assalariada, com o auxílio de tecnologia crescentemente sofisticada”.⁴ E o racismo é um sistema baseado nas discriminações raciais.⁵

Esses três sistemas de exploração-dominação surgiram em distintos momentos da história. O patriarcado é o mais antigo dos três, posteriormente surgiu o racismo e, por fim, o capitalismo. Portanto,

¹ Para Saffioti, não há um processo de dominação de um lado e um processo de exploração de outro. São duas faces de um mesmo processo. Por isso, ela fala em sistemas de dominação-exploração ou sistemas de exploração-dominação, utilizando os termos “exploração” e “dominação” alternadamente de modo a evitar interpretações errôneas que tendem a hierarquizá-los. (Cf. Saffioti, 2004, p. 130).

² Saffioti, 1987, p. 6.

³ *Ibid.*, p. 7.

⁴ *Ibid.*, p. 41.

⁵ *Ibid.*, p. 52.

Saffioti destaca que não foi o capitalismo que inventou o patriarcado e o racismo.⁶ Isto é, o patriarcado e o racismo não são epifenômenos do capitalismo. Contudo, a autora afirma que ao longo da história o patriarcado foi se fundindo ao racismo e, com o surgimento do capitalismo, se fundiram profundamente a ele. Assim sendo, o patriarcado, o racismo e o capitalismo se transformaram em um único sistema de exploração-dominância ao qual inicialmente Saffioti denomina de “patriarcado-racismo-capitalismo”.⁷ Diante disso, e na busca por formular explicações para esta nova realidade, a autora desenvolve gradativamente, como mostram seus escritos, o conceito de nó frouxo “para dar conta da realidade da fusão patriarcado-racismo-capitalismo”.⁸

Embora haja indícios de que o conceito de nó frouxo tenha alcançado seu estágio mais refinado em *Gênero, patriarcado, violência* (Saffioti, 2004), com o intuito de explicar a fusão entre o racismo, o capitalismo e o patriarcado, é possível verificar que em escritos anteriores a autora já estava, de alguma forma, se aproximando dessa formulação. Tendo isso em vista, este projeto de pesquisa procurou investigar a gênese e o processo de desenvolvimento do conceito de nó frouxo, buscando compreender quais problemas levaram Saffioti a esta concepção e como ela a refinou. Ou seja, o objetivo é retroceder a textos anteriores ao de 2004 e identificar a gênese do conceito de nó frouxo, incluindo textos nos quais o conceito não aparece assim nomeado, mas que possuem uma estrutura argumentativa que permite detectar o seu processo de elaboração e refinamento.

METODOLOGIA:

Esta pesquisa é de natureza exclusivamente teórica e, desse modo, a metodologia empregada consistiu em: (i) leitura pormenorizada e análise argumentativa dos textos indicados na bibliografia do projeto; (ii) elaboração de relatórios com as análises das leituras realizadas; (iii) discussão dos relatórios com a orientadora; (iv) apresentação de relatórios parciais da pesquisa no Grupo de Pesquisa de Filosofia Política da Unicamp; (v) apresentação de seminários em eventos de iniciação científica, assim como em outros eventos internos e externos à Unicamp que abordem o tema da pesquisa; e (vi) elaboração de um relatório final, aprimorando os resultados parciais obtidos ao longo da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A obra de Saffioti é extensa e aborda diversas temáticas. Nesse sentido, mapear a gênese de um conceito se torna uma tarefa desafiadora. Contudo, felizmente no que se refere ao conceito de nó frouxo ela nos forneceu indícios de sua gênese. Em uma entrevista concedida em julho de 2004, Saffioti afirma

⁶ *Ibid.*, p. 60

⁷ Saffioti utiliza os termos “racismo”, “patriarcado” e “capitalismo” de modo alternado para evitar possíveis interpretações errôneas que tendam a hierarquizar os três sistemas de exploração-dominância. A Autora argumenta que não deve haver hierarquia entre os três sistemas de exploração-dominância, isto é, nenhum deles deve ser priorizado.

⁸ Saffioti, 2004, p. 130.

que o ano de 1985 foi um marco em sua trajetória, quando ela concebeu, pela primeira vez, a ideia de uma lógica contraditória e também pensou no nó ou na simbiose:

Não me agradam as categorias binárias, minha cabeça não funciona dessa maneira. [As matrizes secundárias] Funciona[m] com uma lógica contraditória, cuja existência descobri em 1985, *quando também pensei no nó ou novelo ou, ainda, na simbiose, historicamente formada pelas contradições (pilares, antagonismos, eixos) fundantes da sociedade ocidental moderna.*⁹

O conceito de nó frouxo é pensado, portanto, em 1985. Entretanto, após investigar minuciosamente os textos datados de 1985, quais sejam, “Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras” (Saffioti, 1985), “Grande perda para a Sociologia brasileira” (Saffioti, 1985) e “Política agrícola no Brasil contemporâneo e suas consequências para a força de trabalho feminina” (Saffioti, 1985), constatou-se que a autora não aborda a fusão entre os três sistemas de dominação-exploração em nenhum deles. Portanto, apesar de Saffioti ter pensado no nó frouxo no ano 1985, ela não publicou nenhum texto sobre ele no mesmo ano.

No entanto, em “Rearticulando gênero e classe social” (Saffioti, 1992), a autora fornece outra pista sobre os textos nos quais está presente a ideia de uma simbiose entre os três sistemas de dominação-exploração, que posteriormente resultaria no conceito de nó frouxo. Ao discutir sobre a utilização e a possível resignificação do termo patriarcado, ela diz o seguinte: “O patriarcado pode, por exemplo, ser pensado como um dos esquemas de dominação-exploração componentes de uma simbiose da qual participam também o modo de produção e o racismo (Saffioti, 1987, 1988)”.¹⁰ Assim, ao falar sobre a simbiose entre racismo, patriarcado e capitalismo, Saffioti faz referência a outros dois textos seus, *O poder do macho* (Saffioti, 1987) e “Movimentos sociais: face feminina” (Saffioti, 1988).

Em *O poder do macho* (Saffioti, 1987), constatou-se que Saffioti discute explicitamente a fusão que, de acordo com ela, ocorreu ao longo da história entre patriarcado, racismo e capitalismo. Há, inclusive, um subcapítulo intitulado “Patriarcado-Racismo-Capitalismo”. A autora argumenta que embora esses três sistemas de dominação-exploração tenham surgido em distintos momentos ao longo da história, eles se fundiram profundamente de tal forma que, na realidade concreta, não é possível separá-los. Nesse sentido, ela destaca que o problema não está em fazer análises do patriarcado, do racismo e do capitalismo separadamente, mas em não haver uma análise que considere a imbricação ou o enovelamento desses sistemas de exploração-dominação. Ainda que sejam analisados separadamente, eles também devem ser analisados na condição de imbricados, visto que esta imbricação possui uma natureza própria. Desse modo, Saffioti rejeita expressões como “capitalismo racista” ou “capitalismo patriarcal”. Essas expressões — nas quais um dos sistemas de exploração-dominação é utilizado na forma substantiva e outro na forma adjetiva — atribuem maior importância a um, deixando o outro em segundo plano, e não é este o caso. Ou seja, ao falar em “capitalismo racista” ou em “capitalismo patriarcal”, o racismo e o patriarcado estão apenas qualificando o capitalismo e o mesmo acontece ao falarmos em um “patriarcado racista” e assim por

⁹ Mendes e Becker, 2011, p. 159, *grifos meus*.

¹⁰ Saffioti, 1992, p. 194.

diante.¹¹ Com isso, Saffioti indica que não se deve priorizar nenhum dos três sistemas de dominação-exploração. Atribuir prioridade a qualquer um deles resultaria em sérias consequências do “ponto de vista das estratégias de luta dos contingentes humanos oprimidos, explorados e dominados”.¹²

Já em *Gênero, patriarcado, violência*, de 2004, o conceito de nó frouxo é descrito detalhadamente por Saffioti nos seguintes termos:

*O nó formado por estas três contradições [gênero, raça/etnia e classe] apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta dessa fusão. Como afirma Kergoat (1978), o conceito de superexploração não dá conta da realidade, uma vez que não existem apenas discriminações quantitativas, mas também qualitativas. Uma pessoa não é discriminada por ser mulher, trabalhadora e negra. Efetivamente, uma mulher não é duplamente discriminada, porque, além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplamente discriminada. Não se trata de variáveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação destas mulheres muito mais complexa.*¹³

O nó possui, portanto, uma dinâmica própria na qual seus componentes não atuam isoladamente, mas condicionam-se à dinâmica que é específica. Ademais, a inter-relação entre o patriarcado, o racismo e o capitalismo não se trata de uma questão apenas quantitativa, mas também qualitativa. Por isso, a autora destaca que a fusão de raça/etnia, gênero e classe não deve ser compreendida nos termos de uma “dupla” ou de uma “tripla” discriminação, visto que esses termos forneceriam elementos para interpretações errôneas que tratariam esta fusão como uma simples somatória dos componentes do nó.

No mesmo texto, Saffioti refina ainda mais a definição de nó, apresentando o nó frouxo:

*Não se trata da figura do nó górdio nem apertado, mas do nó frouxo, deixando mobilidade para cada uma de suas componentes. [...] De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa a organização destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade — novelo patriarcado-racismo-capitalismo — historicamente constituída. A imagem do nó não consiste em mera metáfora; é também uma metáfora. Há uma estrutura de poder que unifica as três ordens — de gênero, de raça/etnia e de classe social —, embora as análises tendam a separá-las.*¹⁴

A frouxidão do nó possibilita que seus componentes — patriarcado, racismo e capitalismo — se movam de acordo com as circunstâncias históricas e também indica que os seus componentes não são imutáveis, eles mesmos variam justamente de acordo com as circunstâncias históricas. Não há uma forma fixa dos sistemas de dominação-exploração que compõem o nó frouxo e, ademais, os sujeitos são múltiplos, o que significa que eles são constituídos de múltiplas faces. Isto é, os sujeitos são constituídos por uma série de “faces” e, embora múltiplos, devem ser considerados em sua totalidade.¹⁵ Dessa forma,

¹¹ Saffioti, 1987, p. 60.

¹² *Ibid.*, p. 61.

¹³ Saffioti, 2004, p. 115, *grifos meus*.

¹⁴ *Ibid.*, pp. 125-6, *grifos meus*.

¹⁵ A noção de “sujeitos múltiplos” foi desenvolvida por Lauriete (1987) e, concordando com ela, Saffioti passa a utilizá-la. Em *Mulher brasileira é assim*, Saffioti diz que “o sujeito constituído em gênero o é também em classe social e raça/etnia. Assim, em vez de ser unificado, é múltiplo, sendo mais contraditório que dividido” (Saffioti, 1994, p. 273). A noção de “sujeito múltiplo” remete, portanto, ao sujeito constituído por uma série de “faces” e que deve ser considerado em sua totalidade.

cada componente do nó frouxo adquire certa relevância de acordo com as condições históricas vivenciadas por diferentes sujeitos. Nota-se, assim, que o nó frouxo alcança seu estágio mais refinado em *Gênero, patriarcado, violência*, de 2004.

CONCLUSÕES:

Ao longo desta pesquisa procurei investigar a gênese e o processo de desenvolvimento do conceito de nó frouxo. A partir das análises realizadas, constatou-se que o primeiro texto no qual Saffioti argumenta em prol da fusão entre o patriarcado, o racismo e o capitalismo é *O poder do macho* (Saffioti, 1987). Ainda que a autora não apresente propriamente o conceito de nó frouxo, há uma estrutura argumentativa que possibilita dizer que o conceito está ali presente de forma embrionária. Nos textos seguintes, Saffioti aprimora suas elaborações acerca da fusão entre esses três sistemas de exploração-dominação, já apresentando o conceito de nó. Mas é em *Gênero, patriarcado, violência* (Saffioti, 2004) que o conceito alcança seu estágio mais refinado, o nó frouxo. Saffioti destaca o caráter qualitativo dessa fusão, a frouxidão que permite mobilidade entre seus componentes e a importância das circunstâncias históricas nas quais os sujeitos múltiplos estão inseridos. Diante disso, nota-se que essa investigação possibilitou ampliar a compreensão do conceito de nó frouxo e, conseqüentemente, da obra de Saffioti em sua totalidade.

Isto posto, devido a importância de teorias que investigam a inter-relação entre as diferentes formas de exploração-dominação é imprescindível olharmos com mais atenção para o conceito de nó frouxo de Saffioti. Uma teoria que analisa as relações de poder especificamente no contexto brasileiro, sem deixar de fazer paralelos com outros países do mundo quando pertinente, pode contribuir para as análises e as reflexões sobre a nossa realidade atual, assim como para as possíveis formas de transformá-la. Tendo isso em vista, tem-se o objetivo de desdobrar esta pesquisa de iniciação científica, posteriormente, em um projeto de mestrado, com o intuito de investigar as implicações e as potencialidades do conceito de nó frouxo. Nesse sentido, a proposta será investigar quais são as perspectivas de luta contra o nó frouxo e os possíveis diálogos com outras teorias que tratam da inter-relação entre as diferentes formas de exploração-dominação, como é o caso da consubstancialidade e da interseccionalidade.

BIBLIOGRAFIA

MENDES, J. C; BECKER, S. Heleieth Saffioti, uma pioneira dos estudos feministas no Brasil. **Estudos Feministas**, vol. 19, nº 1, p. 141 -161, jan.-abr. 2011.

SAFFIOTI, H. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras. **Perspectivas**, São Paulo, vol. 8, p. 95-141, 1984

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: Costa, A. O.; Bruschi, C. (Orgs), **Uma questão de gênero**. Rosa dos Tentos Editora e Fundação Carlos Chagas: São Paulo, 1992.

_____. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.